

Paisagens, Ambiências e Situações Comunicativas na Praça da Savassi em tempos de Copa do Mundo¹

Juliana Lopes DIAS²

Regina Helena Alves da SILVA³

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo

Os usos que se faz da cidade – tão variados quanto sentar e conversar numa praça ou passar depressa por uma avenida – resultam da experiência do sujeito em relação ao espaço. E essa experiência é influenciada, encorajada ou constringida, entre outros fatores, pela conformação física do lugar. Este trabalho discute os processos comunicativos que ocorrem, especificamente, no espaço urbano contemporâneo e como eles se relacionam com a morfologia desses espaços. Para tanto, utiliza-se as categorias de paisagem, ambiência e situação comunicativas para analisar os usos da Praça da Savassi, em Belo Horizonte, MG, especialmente durante a realização da Copa do Mundo da FIFA em 2014. Utilizam-se como métodos a análise documental, a observação participante e a deriva cartográfica.

Palavras-chave: Praça da Savassi; paisagem, ambiência e situação comunicativas; Copa do Mundo FIFA; comunicação.

Introdução

Nas palavras de Lefebvre (2006), a cidade é uma mediação entre as mediações. O espaço é produzido e atualizado constantemente, e ele encarna, de maneira concreta, essa mediação entre uma ordem distante, abstrata, e a ordem próxima, das relações sociais cotidianas entre os homens. Um lugar tem existência própria – a partir de suas ruas, edifícios, fachadas – mas não tem “autonomia de significação” (SANTOS, 1988, p. 18), pois ela só pode ser atribuída pelo homem em sua relação com a paisagem. “Ao agir sobre os lugares, no cotidiano, os sujeitos atribuem significados aos espaços, transformando a sua significação ou apenas atualizando os significados circulantes.” (SILVA et al, 2008, s.p.).

Entre os diversos espaços da cidade, a praça se destaca. Com base em 25 anos de pesquisa na Costa Rica, a pesquisadora Seta Low (2000) destaca a importância das praças nas cidades latino-americanas como *locus* privilegiado da produção de sentidos sobre e na

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação Social do PPGCOM/UFMG; Coordenadora e Professora da Escola de Comunicação do Centro Universitário Newton Paiva. email: rjulianabh@gmail.com

³ Professora PPGCOM e PPGHIS - UFMG. Coordenadora do Centro de Convergência de Novas Mídias. email: regina.helena@gmail.com

cidade. Atualmente, boa parte das praças das grandes cidades, no Brasil e em vários países do mundo, não guarda mais os aspectos físicos tradicionais - boa parte delas se tornou cruzamento de ruas e avenidas. No entanto, seus usos habituais parecem estar guardados na memória dos cidadãos, e são exercitados nos mais diversos espaços, principalmente em quarteirões fechados, canteiros centrais, parques. Ao se apropriar dos lugares, o homem experimenta as tensões entre o está proposto e o que se realiza; entre o que se encoraja e o que se constringe numa determinada disposição física dos espaços da cidade.

Considerando a importância do cenário para o “desenrolar da ação humana executada diante, dentro ou acima dele” (GOFFMAN, 1985, p. 29), pode-se dizer que os processos comunicativos que ocorrem no espaço urbano contemporâneo relacionam-se com as intencionalidades da constituição física desses espaços. Podemos compreender as relações entre a morfologia e os usos e apropriações do espaço pelos cidadãos como fenômenos comunicacionais: interessa-nos verificar como a comunicação relaciona-se com os movimentos de adaptação e resistência que (re)configuram esses espaços, uma vez que a cidade só se realiza na ação cotidiana dos sujeitos, e o cenário só se justifica pela atuação dos "atores". A fim de compreender essas relações, elegeu-se a Praça Diogo de Vasconcelos, mais conhecida como Praça da Savassi, em Belo Horizonte, Minas Gerais, como objeto de estudo. O espaço foi analisado a partir das categorias de paisagem, ambiência e situação comunicativas, especialmente durante a realização da Copa do Mundo da FIFA em 2014. Trata-se de um estudo exploratório, baseado nos métodos de análise documental, observação participante e a deriva cartográfica.

A Paisagem: Praça da Savassi

A Praça Diogo de Vasconcelos, mais conhecida como Praça da Savassi, em Belo Horizonte, Minas Gerais, localiza-se na região centro-sul da capital. O nome oficial da Praça data de 1943, e é uma homenagem ao deputado, senador e historiador natural de Mariana, Minas Gerais (ESTADO DE MINAS, 2012). A alcunha mais famosa, no entanto, surgiu em 16 de março de 1940, quando os irmãos Hugo e Juca Savassi inauguraram a Padaria e Confeitaria Savassi, no cruzamento das avenidas Cristóvão Colombo e Paraúna (hoje Avenida Getúlio Vargas), na então Praça 13 de Maio. (VIVER BRASIL, 2011)



FIG. 1: Inauguração da Padaria Savassi
Fonte: DIAS, 2011, s.p.

Ao longo dos anos, vários outros estabelecimentos comerciais, como bares, cafés e livrarias foram surgindo na região. Durante boa parte de sua existência, a Praça da Savassi foi considerada um reduto da boêmia intelectual da cidade, não só pela presença dos bares, mas, também, porque a região abrigava a maior concentração de livrarias de rua da capital. Na década de 1980, a Savassi era famosa pelos bares, boates e butiques. "Com a proliferação dos shoppings, o comércio adaptou-se, surgiu a tradição das livrarias, como aconteceu com o Leblon (RJ). O público é típico – são pessoas que querem ser atendidas por quem entende e gosta de livros." (VIVER BRASIL, 2011, s.p.)

É importante ressaltar que o que se conhece como Praça da Savassi é, na verdade, o cruzamento das Avenidas Getúlio Vargas e Cristóvão Colombo, duas vias de grande fluxo de automóveis da capital mineira. Esse mesmo desenho pode ser observado em diversas outras praças da cidade – Praça Sete de Setembro, Praça ABC, Praça Tiradentes – e de várias outras cidades do mundo. Esse formato, no entanto, em nada se parece com o que se teoriza sobre praça. Conforme Barbini e Ramalhete (2012), as origens dos aspectos morfológicos e conceituais das praças contemporâneas encontram-se na antiguidade clássica, especialmente na ágora grega e no fórum romano. Eram espaços dedicados a usos diversos - rituais, comércio, administração do poder – e localizados, de preferência, no centro da urbe. Do ponto de vista morfológico, a principal herança vem da ágora; o espírito de vivência do espaço urbano e a relação entre cidadão e praça foram herdados do fórum romano. De Angelis e De Angelis Neto (1999, p. 942) ratificam que a ágora - símbolo da liberdade, local onde todos podiam opinar - e o fórum romano - símbolo do poder, local do comércio e da política popular - "traduzem a necessidade passada - perpetuada até hoje - de

se ter um espaço no qual fosse possível reunir-se, comercializar, debater idéias, assistir a jogos e representações, ou simplesmente, ocupar a ociosidade do tempo."

Para Colchete Filho (2008), em seu estudo sobre a Praça XV, no Rio de Janeiro, uma praça reúne elementos formais e históricos. Formais por se tratar de um espaço diferenciado, livre de construções e, por isso mesmo, destacado do denso conjunto de edificações de uma cidade. Históricos porque, "ao possuir características que permitem a concentração de pessoas, atrai atividades importantes para seu próprio espaço e para o entorno, atuando como cenário importante dos fatos sociais." (COLCHETE FILHO, 2008, p. 32) Na mesma linha, Carneiro e Mesquita (2000) ressaltam que praças são espaços livres e públicos, voltados para o de convívio social, para a organização da circulação e para amenização pública. Sua área, normalmente, equivale à do quarteirão, e o espaço contém expressiva cobertura vegetal, canteiros e bancos. Robba e Macedo (2002, p. 17) confirmam o conceito das praças como "espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos" Para estes últimos, "mesmo havendo divergências entre os autores, todos concordam em conceituá-la como um espaço público e urbano, celebrada como um espaço de convivência e lazer dos habitantes urbanos." (ROBBA e MACEDO, 2002, p. 18).

Já conforme Lamas (2000, p. 100) "A praça é um elemento morfológico das cidades ocidentais e distingue-se de outros espaços - que são resultado acidental de alargamento ou confluência de traçados - pela organização espacial e intencionalidade de desenho." O autor destaca a intencionalidade do desenho e de um programa, o que distingue a praça da rua, por exemplo: para ele, a praça reúne a ênfase do desenho urbano como um espaço coletivo de significação importante. Enquanto a rua é o lugar da circulação, a praça deve ser o "lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas" (LAMAS, 2000, p. 102).

Em resumo, entendemos que a praça deve ser analisada em termos de morfologia, intencionalidade e função. No caso da Praça da Savassi, seu desenho é um cruzamento de avenidas cercado por quarteirões fechados. A praça compacta, que ocupa uma quadra e pela qual não transitam veículos, não se encontra ali. Os elementos formais - vegetação, mobiliário e construções típicas - só podem ser reconhecidos nos quarteirões que a cercam. Neles é possível perceber a intencionalidade do desenho, pois encorajam a permanência, ainda que timidamente, pela sombra das árvores e pelos parques banquinhos. Também neles

pode-se agir para que a praça cumpra sua função tradicional no espaço urbano: local de interação, de comércio, de encontros, de manifestação do cotidiano da cidade.

Evidentemente, as relações sociais não são possíveis sem que haja um lugar para que elas aconteçam (SANTOS, 1988). “A concretude do espaço torna-se o palco onde os atores sociais negociam as formas de apropriação e interpretação do mesmo.” (WILDNER, 2003, s.p.). Os usos que os sujeitos fazem do espaço urbano são manifestações da vida cotidiana, expressam o embate das pessoas na e com a cidade e resultam numa obra sempre inacabada: a construção do espaço de uso comum. A comunicação é o processo pelo qual as pessoas experimentam a cidade e constroem significados sobre ela. “A cidade é palco e é ator, é sujeito e objeto comunicativo” (FERRARA, 2008, p. 43). Ao habitar a cidade, o homem vive seu cotidiano interferindo no espaço e sendo influenciado por ele. Conforme Netto, Vargas e Saboya (2012), os efeitos da arquitetura vão além dos aspectos físicos e perceptivos: são fenômenos ancorados na interface entre a construção e a rua, componentes da relação entre espaço urbano e vida social. “Ao envolver encontros no espaço público e a possibilidade de acesso ao espaço construído, essa relação envolve também potencial de comunicação e a constituição de trocas sociais, políticas e microeconômicas que se manifestam localmente.” (NETTO, VARGAS e SABOYA, 2012, p.263)

Ainda conforme Netto, Vargas e Saboya (2012, p. 262), “Entender os impactos de diferentes morfologias arquitetônicas sobre a vitalidade de entornos urbanos significa entender as implicações entre essa morfologia em dinâmicas mais amplas.” Para os autores, essa preocupação tem grande sentido no Brasil, uma vez que podemos observar padrões de urbanização usualmente limitados à otimização dos processos construtivos e sua rentabilidade. Esses padrões demonstram desconhecimento da extensão das possíveis influências da tipologia e das configurações físicas urbanas sobre as condições da apropriação social do espaço. A Praça da Savassi ilustra bem a relação entre morfologia e apropriação do espaço. Esse espaço vem sendo alterado ao longo do tempo, especialmente em virtude de grandes obras públicas que culminaram, em maio de 2012, com a conclusão da revitalização proposta pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e apoiada pela Câmara de Dirigentes Lojistas – CDL. Revitalização e requalificação, entre outros, são termos utilizados para designar as grandes intervenções urbanísticas nas cidades contemporâneas. Tais processos são bastante criticados, uma vez que importantes aspectos costumam ser ignorados, especialmente aqueles ligados aos valores culturais das populações e aos usos historicamente construídos naqueles espaços (DEI RIO, 1990). Para

Low, Taplin e Scheld (2005), neste século, o espaço público enfrenta a ameaça ligada ao design que exclui parte das pessoas e reduz a diversidade social e cultural. Isso é resultado de programas que visam diminuir a presença de “indesejáveis” ou tornar os espaços mais atraentes economicamente.

Segundo reportagem do Jornal Hoje em Dia (2010), o projeto previa a transformação de quatro quarteirões em calçadões com mesas, nova iluminação, mobiliário e fontes de água. De acordo com a Secretaria Municipal de Políticas Urbanas, à época, “a melhoria da área já tem olhos para a qualificação da cidade, e faz parte da preparação de BH para a Copa do Mundo de 2014.” (HOJE EM DIA, 2010, s.p.). Ao final da obra, que durou pouco mais de um ano (março de 2011 a setembro de 2012), o que se viu foi uma paisagem transformada em praça de alimentação de shopping: pisos coloridos, fontes de água, cadeiras giratórias aqui e ali. Os bancos mais compactos - posteriormente apelidados de lápides - foram cuidadosamente "adornados" com uma barra de ferro central, para impedir que alguém (os "indesejáveis") se deitasse neles.

O rompimento com a história do lugar é tão flagrante que até o nome do homenageado foi escrito errado nos totens de aço que adornam o cruzamento hoje: grafou-se Diogo Vasconcelos, sem o "de". Como bem resume o arquiteto Airton Nunes, sentado em uma mesa de bar no novo calçadão da Rua Paraíba: "Olhe para aqueles quarteirões fechados. Parecem cemitérios", apontando os quadrados de mármore que servem de bancos e cujo conjunto lembra, ligeiramente, uma fileira de lápides. "Diante desse mau gosto demasiado, um 'de' a mais ou de menos não significa nada." (ESTADO DE MINAS, 2012).



FIG. 2: Vista da Praça da Savassi após a obra de 2012
Fonte: HORIZONTE de Minas, s.d., s.p.

A ocupação do espaço público não se dá de forma pacífica, muito menos homogênea. Conforme Wildner (2003), o espaço público passa por diferentes utilizações. É

um espaço de disputa material e discursiva. Apesar do entusiasmo do discurso oficial, a última requalificação da Praça da Savassi não foi bem avaliada por todos. No survey que realizamos com 400 frequentadores da Praça, entre os dias 31 de maio e 05 de junho de 2012⁴, percebe-se que os discursos que se produzem sobre a “nova” Praça da Savassi traduzem significados muito heterogêneos. Para os comerciantes locais, a requalificação trouxe prejuízos difíceis de recuperar: 51 estabelecimentos fecharam as portas em decorrência da diminuição das compras durante a obra, segundo pesquisa do Sindilojas (NASAVASSI, 2012); outros tantos não suportaram o aumento dos preços nos aluguéis, com destaque para as livrarias de rua, antigas referências da região, que fecharam todas. Para quem trabalha por perto e usa a Praça diariamente, a reforma foi uma completa inutilidade: as mesmas funcionalidades se mantiveram, o trânsito de pessoas e veículos praticamente não foi alterado, a sinalização e o novo mobiliário pouco ou nada acrescentaram. Se, para boa parte dos frequentadores, a nova Praça se tornou um lugar mais bonito, para muitos ela ficou pouco adequada aos usos tradicionais: o mobiliário é pouco resistente, e o piso se risca sob a passagem dos skatistas, entre outras reclamações. Conforme Fonseca (2008, p. 6):

A rua conserva e exhibe as diversas tensões que são próprias do urbano contemporâneo: as tensões entre os usos cotidianos e as regulações que emanam dos poderes que gerem a cidade; [...] A rua é campo por excelência do conflito, marca de constituição do urbano, este espaço que segrega ao mesmo tempo que pretende incluir a todos. A rua não constitui apenas uma disposição ordenada de objetos no espaço urbano, e sua força emana das possibilidades que ela encerra de encontro entre os sujeitos.

Ao pensar sobre cidade e comunicação, entendemos a Praça da Savassi como uma paisagem comunicativa. Conforme Silva (2008, p. 10), “a paisagem guarda em si uma potência de significação”. Para Milton Santos (1997), a palavra é frequentemente utilizada como sinônimo de configuração territorial: um conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área. Em sua definição, tudo o que nossa visão alcança é a paisagem. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. Também podemos chamar, aqui, o conceito de cenário encontrado em Goffman (1985): constitui-se da mobília, decoração e disposição física dos elementos, de forma fixa, no espaço. Apesar de fixa, cabe ressaltar, a paisagem varia conforme o ponto de vista do observador. A paisagem de uma praça, por exemplo, é uma quando vista por um transeunte e outra quando vista do alto de um edifício. A mesma conformação espacial se apresenta de

⁴Pesquisa realizada pelo CCNM. O relatório de nossa pesquisa ainda não foi publicado.

maneiras diferentes conforme o ponto de vista pelo qual é experimentada. É, sobretudo, o lugar que a personagem ocupa diante daquele espaço físico, somado às suas afinidades, memórias e experiências, que o farão prestar mais atenção a isto ou àquilo. “A idéia de se pensar a paisagem por um viés comunicacional tem como objetivo analisar os aspectos relacionais que traduzem a experiência de sujeitos comuns em relação ao espaço.” (FONSECA, 2008, p. 86).

Braga (2011) ressalta que a sociedade gera tentativamente os padrões para o seu funcionamento, e essas práticas acabam se organizando em dispositivos que modelam os fenômenos comunicacionais que ocorrem neles. Para ele, o episódio interacional é que dá sentido e substância a esses dispositivos. Assim, a situação comunicativa é aquilo que se desenrola no cenário, influenciado por ele, mas não determinado. É a ação comunicativa, mais comumente identificada nos diálogos, mas não só: a forma de permanecer, o modo de usar o espaço e de se apropriar dele são, também, ações comunicativas. No mesmo espaço, é possível presenciar as mais diversas situações comunicativas. Elas, certamente, são influenciadas pela paisagem, mas não são imunes à passagem do tempo, aos dias da semana, às estações do ano ou aos eventos mais prosaicos - como a chegada do Natal ou a conquista de um campeonato de futebol, entre outras milhares de possibilidades. Essas reflexões nos levam às outras duas categorias que se relacionam com a paisagem: as ambiências e situações comunicativas, como se verá a seguir.

As Ambiências e Situações Comunicativas: Praça em tempos de Copa

A cidade não se configura apenas como materialidade, mas, também, como tecido vivo das relações sociais. As práticas sociais tecidas no espaço urbano são marcadas por elementos e articulações que constituem formas particulares de produção e apropriação das cidades. As sociabilidades interferem nas formas de uso e apropriação dos espaços urbanos, num fértil processo de construção social dos lugares. Tanto é assim que nem sempre o espaço serve àquilo para que foi planejado: a relação das pessoas com o concreto pode subverter a ordem que se propôs. Um mesmo local pode funcionar de modo inteiramente diferente em diversos momentos do dia, ou em variados dias da semana. “As configurações do poder e as estratégias governamentais que vêm sendo desenvolvidas não conseguem impedir que os cidadãos façam uso político e recriem a cidade” (SILVA, 2003, s.p.).

As situações comunicativas propõem sentidos para o espaço, reconfigurando a paisagem na medida em que criam, ali, um novo elemento. Elas também atualizam ou

transformam os espaços. Se uma situação afeta uma paisagem, a paisagem cria condições para a proposição de situações, na medida em que está relacionada à distribuição e percepção dos elementos que compõem o espaço, sugerindo certas ações do sujeito e não outras. É possível se sentar num banco de praça, sem que isso caracterize nenhum desvio ou afronta. Mas, se a praça se transforma num cruzamento de avenidas e se já não há mais o banco, sentar-se no meio dela representa uma total subversão da ordem proposta. Dessa forma, as situações comunicativas se tornam um importante ponto de partida para a investigação da negociação do espaço público pelos habitantes de uma cidade. E, como tais, são influenciadas pela concretude do espaço - pela paisagem, que também comunica - mas, igualmente, exercem influência sobre esse espaço, o que resulta na ambiência.

A ambiência poderia ser livremente traduzida por "um ar de". É constituída como resultado da ação das pessoas na paisagem, e causa impressões em outros que a percebem ou vivenciam. As ambiências se conformam a partir da percepção que se tem dos usos e apropriações que os sujeitos fazem do espaço, e podem ressignificar e reordenar aquilo que, originalmente, se propunha pela paisagem. Assim, pode-se dizer que, tanto na concepção de Santos (1997, 1988), quanto de Silva (2008) e Fonseca (2008), o uso que se faz do espaço da cidade relaciona-se com a ambiência comunicativa, que será, em última análise, o que realmente conferirá significado ao espaço. As ambiências também interferem na dinâmica das situações, na medida em que a forma como uma determinada ação de um sujeito afeta outro influirá na forma como este agirá – reforçando-a, se contrapondo a ela, ignorando-a.

Dizer que um mesmo espaço é utilizado e apreendido de diferentes formas significa dizer que ele abriga diversas ambiências comunicativas. Ao passar por uma rua, podemos nos deparar apenas com várias outras pessoas se deslocando. Se for este o caso, aquele espaço tem quase um ar de "não-espaço": é apenas um corredor de passagem, sem que seja possível estabelecer quase nenhuma relação com ele. Mas outras situações comunicativas podem alterar completamente a ambiência daquela mesma rua: se, ao cair da tarde, as pessoas se aglomeram ao redor dos bares, aquela mesma paisagem ganha outra conotação. A mesma rua que foi corredor de passagem durante a semana inteira pode virar palco de protestos no domingo. Inúmeros outros exemplos poderiam ser dados para demonstrar que a ação dos sujeitos na paisagem é capaz de conferir ao espaço um outro significado, e a isso chamamos de ambiência. A ambiência, por sua vez, é capaz de influenciar a ação dos sujeitos: o mesmo cidadão que caminhou calmamente por aquela rua nos outros dias, torna-se inflamado e até agressivo durante o protesto. O trabalhador que se encontra com os

amigos no bar deixa de usar aquela mesma rua como via de trânsito para se apropriar dela como um lugar de permanência e sociabilidade.

Hoje, os quatro quarteirões ao redor da Praça da Savassi parecem ter-se transformado em novas praças: é neles que as pessoas permanecem e se relacionam; é neles que se encontra algum mobiliário de apoio à permanência. Todos apresentam características físicas bastante uniformes: piso, mobiliário e iluminação foram padronizados; a circulação de veículos foi proibida; fontes de água, idênticas às que se encontram em shoppings, ornaram as quatro esquinas do cruzamento; lojas e bares cercam cada um dos quarteirões de lado a lado. Apesar disso, cada quarteirão tem sua própria ambiência: seus frequentadores habituais, suas atividades bem demarcadas pelo comércio diferenciado em cada um deles. Para melhor compreensão, fazemos uma breve descrição de cada quarteirão⁵.

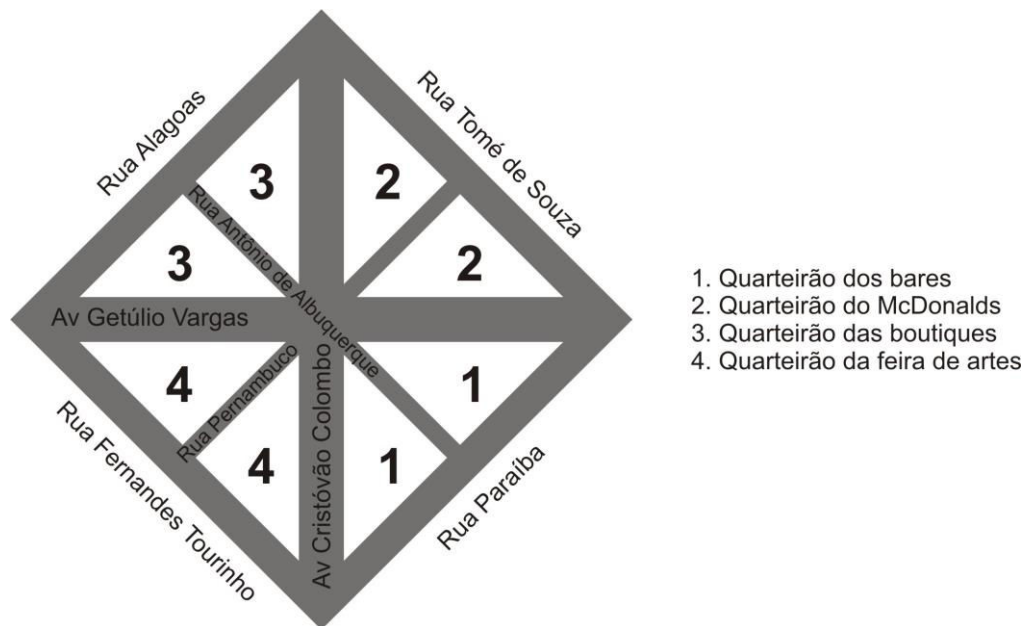


FIG. 3: Esquema representativo dos quarteirões da Praça da Savassi
Fonte: A autora, 2013

O quarteirão um é que abriga maior concentração de bares e restaurantes. Tem também algumas lojas, como a tradicional Gujoreba, algumas boutiques, um salão de beleza e outras. Durante os dias da semana, tem menos movimento, com maior concentração de pessoas no horário do almoço. A partir do fim da tarde, no entanto, o quarteirão é ocupado pelas mesas dos bares Orizontino, Baiana do Acarajé e outros. Nas noites de quinta e sexta-feira, fica praticamente tomado pelos frequentadores dos bares, o mesmo ocorrendo nos

⁵ Todas as descrições deste trabalho são resultados das derivas realizadas na Praça da Savassi desde 2011 e, em especial, logo após a reinauguração da Praça, em maio de 2012, e durante a Copa do Mundo da FIFA, em junho e julho de 2014.

finais de semana durante todo o dia e à noite. A maior parte dos bares tem televisores para transmissão de jogos de futebol.

O quarteirão dois é marcado pela presença do McDonalds bem na esquina das Avenidas Getúlio Vargas e Cristóvão Colombo. Tinha apenas dois bares, sendo um deles a Livraria e Café Status, que fechou as portas em março deste ano. Há bancos, farmácias e lojas e brinquedos. Apresenta pouco movimento na maior parte dos dias. Nos finais de semana, costuma receber shows em palcos especialmente montados, além de ser ocupado por diversas tribos, que fazem performances ou, simplesmente, ficam de pé próximo à entrada do McDonalds.

Já o quarteirão três é o mais movimento no horário comercial. É inteiramente cercado por lojas - de roupas, calçados, malas - e fica cheio o dia todo. À noite e nos fins de semana, no entanto, é um deserto: o encerramento da atividade comercial parece sinalizar, também, o fechamento do quarteirão. Transitar por ali pode ser perigoso, pois a ausência de transeuntes facilita a ação de ladrões.

Finalmente, o quarteirão quatro tem características híbridas. Tem menos lojas que o quarteirão três e apenas um bar, bem na esquina das já citadas avenidas, no espaço ocupado, até a obra de 2012, pela tradicionalíssima Livraria e Café da Travessa. Nos finais de semana, abriga uma feira de artistas independentes, que expõem quadros e outras obras. Costuma receber, também, feiras de trocas de livros e, eventualmente, palcos para shows.

Apesar da morfologia bastante semelhante, os quarteirões guardam ambiências muito distintas. Tais distinções estão relacionadas às possibilidades de ocupação de cada espaço, que, por sua vez, estão ligadas ao tipo de sociabilidade que os estabelecimentos comerciais promovem. As ambiências mudam, por exemplo, com o fechamento das portas das lojas e com a disposição das mesas dos bares. Ainda que algumas pessoas utilizem apenas o mobiliário urbano, as relações comerciais acabam regendo as situações comunicativas na medida em que tem impacto preponderante nas ambiências que se criam. A morfologia/paisagem não é aquela da praça tradicional, mas a intencionalidade do mobiliário, da arborização e da ausência de trânsito de veículos emprestam aos quarteirões um ar/ambiência de praça. Em consequência, eles passam a cumprir exatamente essa função quando são ocupadas como praças, como aquele local de permanência e interação que abriga as situações comunicativas típicas. Finalmente, essas situações ajudam a conformar/reforçar essa ambiência, criando condições para que outras interações semelhantes aconteçam.

Analisando o que se poderia reconhecer como o cotidiano da Praça da Savassi, nada se compara à ambiência que emergiu por ocasião da Copa do Mundo da FIFA, em 2014. Muitos dos frequentadores eram os mesmos. Assistir jogos de futebol tomando uma cerveja gelada não é nenhuma novidade para o local. Palcos armados nas esquinas, também não. No entanto, já no jogo de abertura da Copa, notava-se uma ambiência transformada: no quarteirão dos bares, mesas mais cheias, garçons mais nervosos, copos de plástico em lugar dos tradicionais "lagoinha" (apelido belorizontino do copo americano, de vidro, muito usado para cerveja em bares). Em conversa com um garçom, ele relatou que só serviriam cerveja em lata para evitar que garrafas fossem usadas como armas em caso de brigas. No quarteirão quatro, um palco foi montado para shows e exibição dos jogos. O quarteirão recebeu banheiros químicos e grades, além de muitos anúncios dos promotores do Savassi Cultural - evento que não fez mais do que se aproveitar, comercialmente, dos dias de jogos da Copa. A Livraria Status, no quarteirão dois, também espalhou mesas e transmitiu os jogos, disputando espaço com uma feira de roupas que acontecia no local. O quarteirão três não teve nenhum movimento para além do trânsito de pessoas. O quarteirão dos bares estava muito cheio, o excesso de policiais contribuía para um clima tenso, mas a partida de futebol transcorreu sem problemas, quase como que de costume.

Nos jogos seguintes, a ambiência evoluiu numa escalada que acabou por desfigurar completamente os quarteirões. Primeiro vieram os banheiros químicos, que foram distribuídos nos quatro quarteirões. Quase ao mesmo tempo, as boutiques do quarteirão dos bares alugaram freezers e passaram a vender cerveja durante os jogos. No quarteirão dois, o palco e o Festival foram se enchendo cada vez mais, receberam mais banheiros químicos, mais seguranças e mais grades. A paisagem foi transformada pelo excesso de pessoas, de grades e de sons, dando aos espaços uma ambiência de arquibancada de estádio de futebol. Pessoas paradas em pé, ou transitando sem muito diálogo. Mesas muito cheias e olhos voltados para as telas de TV. Bandeiras, gritos de guerra de torcidas.

O ápice se deu no dia 21 de junho, apenas nove dias após a abertura da Copa. As avenidas Getúlio Vargas e Cristóvão Colombo foram fechadas para o trânsito de veículos. Grades e catracas - sim, catracas! - foram instaladas nos quarteirões fechados um, dois e quatro – que nunca foram tão fechados quanto nesse período. Policiais ocupavam todo o perímetro da Praça, alguns deles com câmeras acopladas aos capacetes. O bares cobravam pelo uso das mesas. Desse dia em diante, até o Brasil ser eliminado da Copa, o clima foi de tensão e hostilidade. Evidentemente, começaram as brigas: algumas verbais, outras físicas.

Houve uma madrugada em que o quarteirão um se transformou em praça de guerra, com garrafas e paus sendo usados como armas num confronto generalizado. A presença de equipamentos móveis, da polícia, da multidão ajudou a transformar a paisagem, que passou a encorajar um certo tipo de atitude muito diversa da habitual. As relações entre paisagem, ambiência e situação se materializaram na forma como as pessoas passaram a se relacionar com aquele espaço, forma esta que em nada lembrava uma tarde de sábado qualquer.



FIG 4: Quarteirão 1 em maio de 2012
Fonte: A autora



FIG 5: Quarteirão 1 durante a Copa
Fonte: A autora



FIG 6: Quarteirão 2 em maio de 2012
Fonte: A autora



FIG 7: Quarteirão 2 durante a Copa
Fonte: A autora

Conclusão

Apesar do que se define na teoria urbanística, percebe-se que a praça contemporânea é muito mais uma construção simbólica, cuja morfologia não corresponde aos desenhos tradicionais, cuja intencionalidade é objeto de constantes disputas e tensões, mas cuja função acaba prevalecendo, de uma forma ou de outra, através dos usos que se faz do espaço. Hoje, são os quarteirões fechados em torno das praças - como no caso da Savassi - que costumam abrigar os usos típicos de um espaço destinado à permanência e à interação.

Ainda que possamos perceber intencionalidades e constrangimentos numa paisagem, a ambiência e a situação comunicativas é que darão sentido a um espaço, e sempre dependerão do uso que as pessoas fazem dele. Diante disso, é possível pensar em que medida a infraestrutura física afeta as possibilidades de comunicação no espaço urbano. Dito de outra forma, é preciso discutir como “a comunicação que se dá no espaço urbano é

marcada pelas características próprias deste espaço e como os processos comunicativos são fundamentais na sua constituição.” (FONSECA, 2008, p. 175). É necessário analisar de que forma as alterações na paisagem influenciam a comunicação no espaço urbano e, ao mesmo tempo, como a comunicação influencia as operações de uso e apropriação desse espaço.

A Praça da Savassi traz muitos indícios dessas relações, especialmente quando se compara as situações que emergem de paisagens diferentes - dia e noite, dias de semana e fins de semana, vida cotidiana e tempos de Copa. Ainda há muito o que discutir sobre essas interferências, e o estudo do urbano contemporâneo pode se aproveitar bastante da leitura dos espaços das cidades. Entender sua ocupação, seus usos e as intencionalidades das construções pode lançar luz sobre nossa forma de viver e de nos relacionarmos no séc. XXI.

REFERÊNCIAS

- BARBINI, Flávio; RAMALHETE, Filipa. A praça: intervenções contemporâneas em espaços de patrimônio. urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana (*Brazilian Journal of Urban Management*), v. 4, n. 2, p. 233-244, jul./dez. 2012
- BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação, do XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de 2011. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1657.doc. Acesso em 15.dez.2014
- CARNEIRO, A. R. S.; MESQUITA, L. B. Espaços livres do Recife. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/ Universidade Federal de Pernambuco, 2000.
- COLCHETE FILHO, A. Praça XV: Projetos do espaço público. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos e DE ANGELIS NETO, Generoso. A praça no contexto da engenharia urbana - metodologia de avaliação. Acta Scientiarum 21(4):941-948, 1999
- DEI RIO, Vicente. Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento. São Paulo: Pini, 1990.
- DIAS, Eídia. Os caminhos por onde andei. 2011. Disponível em: <http://oquevivipelomundo.blogspot.com.br/2011/11/quando-eu-era-crianca.html>. Acesso em 21.jan.2012.
- ESTADO DE MINAS. Com reforma, Praça da Savassi muda até de nome. Ed. de 31/03/2012. Disponível em: http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/03/31/interna_gerais,286513/com-reforma-praca-da-savassi-muda-ate-de-nome.shtml. Acesso em 03.abr.2012.
- FERRARA, Lucrécia D´Alessio. Cidade: meio, mídia e mediação. Revista Matrizes. N. 2 abril 2008. p. 39-53
- FONSECA, Cláudia Graça da. A cidade em comunicação: paisagens, conversas e derivas no Centro de BH. UFMG: Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (Tese). 2008.
- GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1985.

HOJE EM DIA. Praça da Savassi terá plástica radical. Edição de 17/04/2010. Disponível em <http://www.hojeemdia.com.br/cmlink/hoje-em-dia/minas/praca-da-savassi-tera-plastica-radical-1.105917>. Acesso em 22.ago.2011.

HORIZONTE de Minas. Site institucional. s.d. Disponível em <http://hostelhorizontedeminas.com.br/hostel-belo-horizonte/>. Acesso em 07. abr. 2013

LAMAS, *José Manuel Ressano Garcia*. Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 2000.

LEFEBVRE, Henry. O Direito à Cidade. São Paulo: Centauro, (2001) 2006.

LOW, Setha M. On the plaza: The politics of public space and culture. 1ª ed. Austin: University of Texas Press, 2000.

LOW, Setha M., TAPLIN, Dana, SCHELD, Suzanne. Rethinking urban parks : public space and cultural diversity. 1ª ed. Texas: University of Texas Press, 2005.

NASAVASSI. Pesquisa aponta que 51 lojas já fecharam as portas na Savassi. Edição de 27 de março de 2012. Disponível em: <http://www.nasavassi.com.br/bairro/pesquisa-aponta-que-51-lojas-ja-fecharam-as-portas-na-savassi/>. Acesso em 09.jul.2012

NETTO, Vinicius M.; VARGAS, Julio Celso; SABOYA, Renato T. de. (Buscando) Os efeitos sociais da morfologia arquitetônica. urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana, v. 4, n. 2, p. 261-282, jul./dez. 2012

ROBBA, F.; MACEDO, S. S. Praças brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Imprensa Oficial do Estado, 2002

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo razão e emoção. São Paulo:Hucitec, 1997

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SILVA, Regina Helena Alves da. Cartografias Urbanas: construindo uma metodologia de apreensão dos usos e apropriações dos espaços da cidade. Visões Urbanas - Cadernos PPG-AU/FAUFBA Vol.V - Número Especial – 2008. Disponível em www.atlas.ufba.br. Acesso em 22.ago.2011

SILVA, Regina Helena Alves da. Espaço urbano, espaço da comunicação. Trabalho apresentado ao Núcleo de Comunicação para a Cidadania, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

SILVA, Regina Helena Alves da; FONSECA, Claudia G; FRANCO, Juliana de Oliveira Rocha; MARRA, Pedro da Silva; GONZAGA, Milene Migliano. Dispositivos de memória e narrativas do espaço urbano: cartografias flutuantes no tempo e espaço. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. E-compós, Brasília, v.11, n.1, jan./abr. 2008.

VIVER BRASIL. Sempre Savassi. Ed. 30, agosto de 2011. Disponível em: <http://www.revistaviverbrasil.com.br/retrospectiva/show.php?url=http://www.revistaviverbrasil.com.br/38/materias/01/cidade/sempre-savassi/>. Acesso em 04.nov.2011

WILDNER, Kathrin. La Plaza: Public Space as Space of Negotiation. Instituto Europeu para Políticas Culturais Progressivas. Setembro de 2003. Disponível em <http://eipcp.net/transversal/1203/wildner/en>. Acesso em 03.set.2011.